

Resenha

BONIFACE, Pascal. *50 idées recues sur l'état du monde – édition 2016*. Paris: Armand Colin, 2016.

*Daniel Afonso da Silva*¹

Toda manifestação humana e toda atividade intelectual acaba incorporando “*idées recues*” – lugar comum, preconceito, ideologia, contra-informação, clichês. Mas poucas áreas são mais afetadas por elas que o estudo e a análise geopolítica do meio internacional. O imperativo da alteridade somado ao chauvinismo corrente e a urgência dos meios de comunicação impedem observação mais comedida e paciente das linhas vermelhas de outros povos e realidades. Quando clichês e lugares comuns passam a ambientar e justificar culturas nacionais ou regionais, vira quase impossível subvertê-los. Mesmo profissionais – professores, jornalistas, homens públicos, diplomatas – acabam voluntaria ou involuntariamente reforçando preconceitos. Na contracorrente dessa tendência que o professor Pascal Boniface vem de lançar a versão 2016 seu *50 idées recues sur l'état du monde*.

Publicado inicialmente em 2007, esse livro reúne cinquenta dos preconceitos mais comuns e recorrentes na avaliação da realidade internacional. Seu incontestável sucesso de público e crítica impôs a publicação de uma nova edição em 2015 que aparece, agora, em 2016, atualizada.

Trata-se de um instrumento pedagógico da grande valia. Discorre, com recuo, sobre temas como o fim da guerra fria, a abertura do muro de Berlim, os ataques de 11 de setembro de 2001, o declínio do poder americano, a ascensão chinesa, o lugar da África no mundo, os valores universalistas ocidentais, o poder da opinião pública, o mito da comunidade internacional e muitos outros. Questiona a superficialidade das narrativas, mas especialmente demonstra que, muitas delas, funcionam como aportes de relações de forças internacionais.

¹ Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo e professor-pesquisador no Ceri-Sciences Po de Paris.

Sobre o 11 de setembro de 2001, por exemplo, muitos seguem considerando que esse evento modificou a estrutura do mundo. O efeito fantástico dos ataques, transmitidos ao vivo, causou, verdadeiramente, grande estupor. Pessoas, do mundo inteiro, desconectadas de questões internacionais, receberam em seus domicílios as imagens do trauma e passaram a comungar da mesma dor. Entretanto, o mundo do dia 12 de setembro de 2001 somente aprofundou a realidade existente dois dias antes. Os Estados Unidos continuaram a principal potência do mundo, com a maior capacidade dissuasiva e ofensiva, a maior capacidade diplomática e econômica, e o mais convincente cabedal simbólico de influência. Sua predileção ao unilateralismo, demonstrado ao longo do século 20, só seria reafirmado. Após imaginar ter ganho a guerra fria com o desaparecimento do bloco soviético, o país simplesmente seguiu seu lema de líder da construção da *new world order*. Isso lhe convenceu da necessidade de invadir o Afeganistão e o Iraque e agudizar as tensões no Oriente Médio. Imbuídos da responsabilidade messiânica de reconstruir a história depois do fim da história, eles se propuseram a levar a sua democracia liberal a todos os povos. Como diria o presidente George Bush em seu discurso após os atentados: os países discrepantes desse desígnio norte-americano eram inimigos. Para a investida sobre o Afeganistão ocorreu participação quase unânime dos membros das Nações Unidas. Sobre o Iraque, o Conselho de Segurança vetaria a operação com o voto contrário da França e mesmo assim os Estados Unidos moveriam sua ação subvertendo a deliberação das instituições internacionais. Quatorze anos após a guerra no Iraque, forças norte-americanas continuam no país tentando lhe impor, sem sucesso, democracia e paz.

A maior parte dos temas tratados segue a mesma regra de problematização que acaba por consolidar a mensagem geral do livro, a saber: tudo é muito mais complicado que imaginamos.

Recebido em Fevereiro de 2016.

Publicado em Julho de 2016.